

Crise de liquidez afeta até quem não sabe o que é

Remédio amargo contra o mal vai encarecer os financiamentos para viagens e a compra de automóveis e eletrodomésticos

Germana Costa Moura

• Crise de liquidez, para José, sempre foi apenas vontade de ir ao banheiro. Justo ele, que mal consegue chegar ao fim do mês com dinheiro de sobra para o ônibus nem nunca ouviu falar em Hong Kong, será afetado diretamente pela crise das bolsas asiáticas, que há uma semana teimou em se instalar no Brasil. Para começar, não vai mais poder comprar aquela TV para dar de presente no Natal. As dívidas cresceram da noite para o dia e, pior, a única certeza é de que a demissão está mais próxima. E tudo por culpa da tal crise de liquidez, que se abateu na economia nacional. José pode ser qualquer brasileiro de qualquer classe social, que viveu para testemunhar o terremoto financeiro deste fim de 1997. Desde que os bilionários fundos estrangeiros, já abalados com a crise de Hong Kong, começaram a retirar em massa o capital investido nas bolsas, o merca-

do se preparava para uma alta dos juros no Brasil que conseguisse impedir a fuga de capitais. Mas ninguém poderia imaginar que o Governo seria tão radical: ele praticamente dobrou a taxa básica da economia, provocando um choque de juros em bancos, lojas e financeiras.

Concessionária viu o movimento cair em 60%

A primeira consequência é um freio brusco no varejo. De uma hora para outra, os financiamentos se tornaram proibitivos, afastando o consumidor de agências de viagens, concessionárias e lojas de eletrodomésticos.

— O movimento caiu 60% de quinta para sexta. Os financiamentos dos bancos Volkswagen, Bozano, Simonsen e BBA foram suspensos e devem chegar novas tabelas na segunda-feira. O pior é que nem as promoções para compras à vista têm atraído novos clientes — diz André Patrineri, gerente da concessionária Gua-

nato, da marca Volkswagen.

O efeito é clássico e está previsto em todos os livros de economia, como lembra o diretor do Departamento Técnico da Federação das Indústrias do Rio (Firjan), Augusto Franco. Só que a mexida nos juros causa muito mais impacto agora, quando o Brasil começa, finalmente, a se livrar da memória inflacionária.

— Finalmente, as coisas vão funcionar aqui conforme as regras da economia real. A alta dos juros provoca um freio no consumo, que vai trazer mais dificuldades às empresas e, conseqüentemente, aumento do desemprego — diz Franco.

Márcio Leite, diretor da Varejo S.A, o braço do varejo do Grupo Bozano, Simonsen, concorda:

— O consumidor vai fugir dos crediários. Ele hoje dá valor ao dinheiro e sabe que 20 prestações de R\$ 5 representam uma despesa a mais de R\$ 100 no final da compra.

Leite, que vive de emprestar di-

nheiro aos consumidores e faturar com a cobrança de juros, é o primeiro a recomendar muita cautela na hora das compras.

— Vai ser impossível adiar as compras de Natal. O ideal neste momento é deixar o dinheiro em aplicações financeiras que estão rendendo muito mais que na semana passada. Se a compra é inevitável, pelo menos o consumidor deve pensar muito bem sobre a sua decisão. Os que já se comprometeram com crediário devem dar valor ao juro baixo que conseguiram e evitar atrasos nas prestações — diz.

Arapuã não aceita mais planos sem juros e reduziu os prazos

A aposentada Maria Helena da Silva seguiu o conselho e, depois de pensar muito, correu para comprar uma televisão na TeleRio com o financiamento antigo: sete vezes sem juros:

— Há tempo que estou de olho nesta TV. Quis me garantir.

Maria Helena deu sorte por-

que, a essa altura, quase todas as lojas do ramo já mudaram as tabelas. Na Ultramar do Norte Shopping, por exemplo, o plano de três vezes sem juros acabou e o número de prestações caiu de 29 para 13. Já a Gallery Sound, na Rua Uruguaiana, subiu as taxas de 5,9% para 11% ao mês.

— As empresas estão reduzindo o tempo de financiamento porque não conseguem mais captar dinheiro a longo prazo. Enquanto durar essa insegurança, isso não vai mudar — analisa Osório Roberto Santos, diretor de *consumer banking* (departamento de crédito ao consumidor) do ABN-Amro Bank.

Diante desse quadro, o comércio será obrigado a reduzir o número de empregados. É o que alerta o economista Flávio Castello Branco, da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

— Se antes da crise o comércio já previa o pior Natal dos últimos tempos, agora isso se acirrou. Até o setor de automóveis, que pas-

sava ao largo das dificuldades financeiras, foi afetado e isso terá conseqüências no mercado de trabalho. O comércio vai reduzir significativamente o número de contratações temporárias e as demissões devem aumentar após o Natal — explica.

Aluguéis tendem a cair de preço se a crise se prolongar

Nesse cenário, que caso se prolongue demais pode levar a um início de recessão, nem todos sairão perdendo. Por exemplo: qualquer um com dinheiro à vista para gastar conseguirá bons descontos se souber negociar. A regra vale para roupas, carros e até contratos de aluguel, segundo o presidente da Associação Brasileira das Administradoras de Imóveis (Abadi), Manoel Maia:

— Os aluguéis já estavam em queda porque ninguém tem dinheiro sobrando e não há perspectiva de aumentos de salários. Com o aperto no crédito, essa queda será mais acentuada. ■